

**MESTRES DA
REPORTAGEM: o livro
que virou série em
favor de estudantes e
da sociedade**

MESTRES DA REPORTAGEM: the book that was transformed into a series in favor of students and society

MESTRES DA REPORTAGEM: el libro que se transformó en una serie en favor de los estudiantes y la sociedad

Patrícia Sheila Monteiro Paixão Marcos^{1, 2}

RESUMO

O artigo apresenta a trajetória da série “Mestres da Reportagem”, produzida por estudantes de Jornalismo de diferentes instituições de ensino do Brasil e jornalistas recém-formados. O projeto começou com um livro, lançado em 2012, vinculado a uma das disciplinas do curso de Jornalismo da extinta Faculdade do Povo, em São Paulo (FAPSP). Em 2015, a obra foi transformada em série, ampliando o leque de coautores. Os volumes da série trazem entrevistas com grandes nomes da reportagem brasileira, proporcionando à sociedade conhecer os bastidores de matérias emblemáticas, que ajudaram a transformar seu cotidiano e a revelar importantes personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Mestres da reportagem; Jornalismo; reportagem; livro; série.

¹ Doutoranda do Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (Prolam/USP). Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Graduada em Jornalismo também pela Umesp. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade São Judas. E-mail: pattyxao@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correspondência): Universidade Presbiteriana Mackenzie. R. da Consolação, 930 - Consolação, São Paulo - SP, CEP: 01302-907, Brasil.

ABSTRACT

The article reveals the trajectory of the series "Mestres da Reportagem", produced by journalism students from different educational institutions of Brazil and by newly graduated journalists. The project began with a book, launched in 2012, linked to one of the disciplines of the journalism course of the extinct Faculdade do Povo, in São Paulo (FAPSP). In 2015, the work was transformed into a series, expanding the range of co-authors. The volumes of the series bring interviews with big names of the Brazilian journalism, providing society to know the backstage of emblematic reports, which helped transform their daily life and reveal important characters.

KEYWORDS: Mestres da reportagem; journalism; report; book; series.

RESUMEN

El artículo revela la trayectoria de la serie "Mestres da Reportagem", producida por estudiantes de periodismo de diferentes instituciones educativas del Brasil y periodistas recién graduados. El proyecto comenzó con un libro, lanzado en 2012, vinculado a una de las disciplinas del curso de periodismo de la extinta Faculdade do Povo, en São Paulo (FAPSP). En 2015, el trabajo se transformó en una serie, ampliando la gama de co-autores. Los volúmenes de la serie traen entrevistas con grandes nombres del periodismo brasileño, proporcionando a la sociedad conocer el paso a paso de reportajes emblemáticos, que ayudó a transformar su vida cotidiana y revelar personajes importantes.

PALABRAS CLAVE: Mestres da reportagem; periodismo; reportaje; libro; serie.

Recebido em: 12.03.2019. Aceito em: 16.05.2019. Publicado em: 01.07.2019.

“Se houvesse justiça no mundo, os nomes dos repórteres deveriam vir sempre acima dos nomes dos donos do jornal.”
Joel Silveira

Introdução

Em 6 de agosto de 1945, os americanos lançaram uma bomba atômica sobre a cidade de Hiroshima, no Japão. Dois dias depois, repetiram a investida sobre Nagasaki. Ao todo, mais de 250 mil pessoas morreram com os ataques, mas o impacto humano da tragédia só seria sentido pelo mundo pouco mais de um ano depois. E graças ao poder da grande reportagem “Hiroshima”, do americano John Hersey, publicada em 31 de agosto de 1946, na emblemática revista *The New Yorker* (ocupou a edição inteira da publicação). O texto teve enorme repercussão, ultrapassando as fronteiras dos EUA. Hersey emocionou pessoas de diferentes partes do planeta ao reconstituir, com grande precisão e detalhes, o momento fatídico em que a bomba foi lançada sobre os japoneses, a partir do relato de seis sobreviventes por ele entrevistado. Mostrou que, por trás do conflito entre EUA e Japão, milhares de inocentes foram atingidos, de forma horrenda e permanente. Sua reportagem ajudou a alertar autoridades e organismos internacionais, e a fomentar a opinião pública mundial para os desastrosos efeitos do uso de uma bomba atômica.

Foi também graças a uma reportagem que o Brasil e o mundo puderam conhecer Carolina Maria de Jesus, uma das mais talentosas escritoras do País. Carolina foi descoberta em uma favela da zona Norte de São Paulo, pelo repórter Audálio Dantas, que, fascinado pelo seu talento, publicou na íntegra seus poéticos diários sobre a vida na favela, no jornal *Folha da Manhã* (atual *Folha de S. Paulo*), em 1958. Diversos leitores ligaram para a redação, tocados

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p223>

com o sofrido dia a dia dos que viviam como Carolina. A enorme repercussão da reportagem proporcionou à escritora negra publicar o livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, sucesso em 40 países, traduzido para 13 idiomas. Carolina, que, com sua genialidade, escreveu diversas outras obras, é até hoje símbolo de resistência e coragem, em um país racista e desigual, em que negros têm seus talentos solapados e suas vozes silenciadas.

Os dois exemplos são prova da importância do trabalho do repórter, o profissional que representa a alma da profissão de jornalista. O repórter é o jornalista que vai a campo, busca histórias e pontos de vistas nem sempre acessíveis a boa parte da população:

Se interrogarmos um jornalista sobre quem é mais importante na redação, ele – excetuando o caso de algum projetista gráfico ou editor egocêntricos – dirá que é o repórter. (...) O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante (LAGE, 2004, p. 23).

O trabalho do repórter, como defende Eliane Brum, a repórter mais premiada do Brasil (de acordo com o ranking anual produzido pelo *Jornalistas & Cia*), acaba funcionando como documento histórico:

(...) Nós contamos a história cotidiana, a história contemporânea do nosso mundo, seja o mundo da nossa comunidade, seja o do nosso país. O jornalista é o historiador do cotidiano, o que a gente faz é documento, querendo ou não, com consciência ou não, mesmo que seja um documento da nossa incompetência. A gente influencia o mundo agora e vai influenciar a compreensão do nosso mundo depois, então é uma responsabilidade muito grande. (BRUM, 2011)³

Um trabalho tão relevante merece ser registrado. É importante que a sociedade possa conhecer os bastidores de reportagens responsáveis por transformações significativas em seu cotidiano, e que revelaram aspectos e

³ Em entrevista concedida a esta pesquisadora em 2011, para o livro *Mestres da Reportagem I*.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p223>

vidas até então ignorados. Foi com esse objetivo que, em 2011, quando estava à frente da coordenação do curso de Jornalismo da Faculdade do Povo (FAPSP), em São Paulo, resolvi produzir em parceria com os meus alunos daquela instituição o livro “Mestres da Reportagem”, que traz entrevistas com repórteres brasileiros de destaque. Posteriormente, a obra foi transformada em série, envolvendo alunos de diferentes universidades e faculdades do país, resultando no lançamento de dois novos volumes. Este artigo apresenta um pouco dessa trajetória, que permanece sendo trilhada, contribuindo com a sociedade e com a formação de novos repórteres.

O nascimento do Mestres I

O livro “Mestres da Reportagem” surgiu como um projeto ligado ao curso de Jornalismo da FAPSP. A ideia foi que os alunos pudessem escrever, nos horários extraclasse, a partir de ensinamentos aprendidos na disciplina “Técnicas de Pesquisa, Entrevista e Reportagem”, uma obra que reunisse entrevistas no formato pingue-pongue com grandes nomes da reportagem brasileira, não só como uma forma de homenagear esses profissionais, mas principalmente como uma oportunidade de revelar à população as técnicas e desafios que estão por trás de um trabalho de reportagem impactante.

O gênero pingue-pongue foi escolhido por oferecer um diálogo entre o jornalista e a fonte, valorizando cada palavra do entrevistado. O Manual de Redação da *Folha de S. Paulo* define esse gênero como um formato que reproduz perguntas e respostas em discurso direto, sem aspas. “É reservado a circunstâncias excepcionais, em geral quando o entrevistado - ou o assunto de que trata - está em evidência inequívoca.” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2018, p. 96). Portanto, é um gênero nobre no Jornalismo, explorado com entrevistados de

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p223>

destaque, que tragam conteúdo significativo a ser discutido em prol da sociedade.

O gênero entrevista é uma forma rica de o entrevistado e o entrevistador crescerem juntos em conhecimento, quando trocam suas visões e experiências. Ainda que um dos lados tenha bem mais conhecimento de um assunto que o outro, as interações e trocas sempre são possíveis, como destaca Cremilda Medina, autora de “Entrevista – O diálogo possível”:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode servir também à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos esses e outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (...). Ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. (MEDINA, 2002, p. 8)

A produção do livro envolveu mais de 80 estudantes dos 4º e 6º semestres do curso de Jornalismo da FAPSP como coautores das entrevistas, sob a minha supervisão. Eu também participei como coautora, realizando uma das entrevistas da obra (com a jornalista Eliane Brum).

A primeira etapa do projeto foi a escolha dos repórteres a serem entrevistados. O objetivo foi selecionar jornalistas de diferentes mídias (impressa, eletrônica e digital), editorias (Política, Esportes, Internacional, Geral, entre outras) e regiões do país, que tivessem grande experiência em reportagem. Mostrar que o bom jornalismo vive firme e forte, e não está restrito a determinados campos de cobertura, meios de comunicação, tampouco à região Sudeste do país, como muitos costumam pensar. Não nos interessou entrevistar jornalistas que exercem outras funções, afora a reportagem (como editores, produtores, âncoras, enfim). O projeto desde o início teve a intenção de valorizar o ofício do repórter.

Um dos desafios dessa etapa foi mudar a visão que alguns alunos ainda possuíam de que os jornalistas da TV (geralmente os mais conhecidos pelo público) são mais importantes que os de outras mídias. Foi preciso mostrar aos estudantes que existem repórteres extremamente talentosos no jornal, na revista, no rádio e na internet, com currículo tão ou mais sólido que o de muitos rostos conhecidos dos telespectadores.

Finalizada a etapa de escolha dos jornalistas a serem entrevistados, os estudantes partiram para uma profunda pesquisa sobre a biografia e trajetória profissional dos repórteres escolhidos e suas principais matérias. Depois disso, produziram a pauta com as perguntas imprescindíveis para a entrevista. A pesquisa foi muito importante para garantir a qualidade das questões. Perguntas genéricas ou mal construídas foram eliminadas das pautas. Foram privilegiadas questões específicas sobre os bastidores de matérias de grande repercussão.

Entrevistar alguém significa, na maior parte das vezes, imiscuir-se na personalidade e na vida alheia com o objetivo sincero – e profissional – de extrair informações. (...) Não se trata apenas de estar por dentro do assunto a ser tratado, mas, principalmente, de garantir o domínio absoluto do tema e, por consequência, do entrevistado. (...) Fontes de informação, sobretudo as que têm o hábito de dar muitas entrevistas, percebem logo quando estão diante de um repórter mal preparado, ignorante ou inseguro. (FORTES, 2008, p.54).

Como ressalta Mário Erbolato (2003, p.167), “o repórter deve dominar o assunto de modo razoável, a fim de conduzir a conversação”.

Depois que tiveram a pauta (com as perguntas a serem feitas na entrevista) revisada e aprovada por mim, os alunos puderam contatar o entrevistado, agendar a entrevista e, finalmente, ir a campo.

Foram entrevistados os seguintes repórteres (30, no total): Adriana Carranca, Agostinho Teixeira, Bruno Garcez, Carlos Wagner, César Tralli, Cid

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p223>

Martins, Eliane Brum, Elvira Lobato, Ernesto Paglia, Geneton Moraes Neto, Gérson de Souza, Giovani Grisotti, Goulart de Andrade, José Arbex Jr., José Hamilton Ribeiro, Leandro Fortes, Luiz Carlos Azenha, Marcelo Canellas, Marcelo Rezende, Mauri König, Paula Scarpin, Percival de Souza, Regiani Ritter, Renato Lombardi, Ricardo Kotscho, Roberto Cabrini, Silvia Bessa, Sônia Bridi, Tatiana Merlino e Valmir Salaro. O prefácio foi do repórter do século, José Hamilton Ribeiro, conhecido por seus diversos prêmios *Esso* e pela emblemática reportagem de capa da revista *Realidade*, com a cobertura que fez da Guerra do Vietnã, que lhe custou a perda de parte da perna esquerda (José Hamilton pisou acidentalmente em uma mina).

Passada a fase de apuração e a entrega dos textos das entrevistas finalizados, foi feito um extenuante trabalho de padronização e edição. Para isso, atuou ao meu lado, também em horários extraclasse, uma equipe de alunos que se voluntariou para essa missão. O desafio foi transformar um trabalho escrito a dezenas de mãos em um texto alinhado, com estilo e estética convergentes.

No lançamento da obra, realizado no auditório da Livraria da Vila do Shopping Higienópolis, em São Paulo, em novembro de 2012, pudemos realizar um debate com o público (que foi convidado previamente por intermédio de ações de divulgação em diversos veículos jornalísticos. O livro foi bastante noticiado pela mídia especializada em Comunicação, graças ao trabalho de assessoria de imprensa que fizemos) acerca da importância do gênero reportagem em um país como o Brasil, com tantas chagas sociais. O bate-papo foi bastante produtivo, com participantes podendo trocar ideias com alguns dos jornalistas entrevistados, como Gérson de Souza (*RecordTV*), Agostinho Teixeira

(*Rádio Bandeirantes*), Goulart de Andrade (falecido em 2016, quando estava na *TV Gazeta*) e Regiani Ritter (*Rádio Gazeta AM*).

A ideia da série

Assim que o lançamento da obra foi concluído, nasceu a ideia de transformá-la em uma série. Nunca tivemos a pretensão de apresentar o livro “Mestres da Reportagem” como um ranking dos melhores jornalistas brasileiros, e sim mostrar um pouco do que a reportagem brasileira tem de melhor. Sabíamos que outros excelentes repórteres tinham ficado de fora e mereciam ter sua carreira registrada. Além disso, havia o desejo dos alunos da FAPSP que não tinham participado do Mestres I de serem inseridos no projeto.

Resolvemos, então, partir para a sequência do livro. Uma nova lista de jornalistas de diferentes regiões do País e de editorias e mídias diversas foi montada, com a minha supervisão. As primeiras entrevistas do “Mestres da Reportagem II” começaram a ser feitas em meados de 2015. Maristela Crispim, jornalista do jornal *Diário do Nordeste*, uma das mais premiadas repórteres daquela região, foi nossa primeira entrevistada. Tudo corria bem até que, em dezembro daquele ano, sem qualquer aviso prévio, a Faculdade do Povo foi fechada por sua mantenedora, com a alegação de problemas financeiros. Todos os professores, inclusive eu, foram demitidos, e meus alunos, que eram coautores do livro, ficaram desamparados, tendo que migrar para outras faculdades. Um momento extremamente triste e traumatizante para todos nós.

Em fevereiro de 2016, consegui me recolocar, passando a lecionar no curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, da Universidade Anhembí Morumbi e das Faculdades Integradas Rio Branco (três instituições de ensino superior privadas, localizadas em São Paulo). Apesar da distância, graças

à internet e as redes sociais, mantive contato praticamente diário com os meus alunos da FAPSP, que agora estavam em diferentes faculdades.

Passados alguns meses de choque por conta de todas as mudanças (eu e os alunos tivemos um período de adaptação às novas instituições de ensino), decidi que aquele projeto não poderia ficar paralisado. Fui conhecendo estudantes interessados em participar da série nas novas faculdades em que eu estava e surgiu, então, a ideia de fazer o projeto de forma independente, com meus antigos e atuais pupilos, sem vincular o livro a nenhuma universidade em especial. Como sou responsável por uma página no *Facebook* voltada a estudantes de Jornalismo, com mais de 36.000 seguidores em todo o País (o *Formando Focas*), havia também o contato de alunos de fora de São Paulo, querendo participar dos livros. Portanto, tornar a série um projeto independente foi uma maneira de congregarmos todos, ex e atuais alunos, estudantes de outras localidades e colegas recém-formados, que também admiravam o projeto e queriam participar. Formamos um time de 85 coautores, uma grande família “Mestres da Reportagem” que tem em comum o amor pelo Jornalismo.

Retomamos o processo das entrevistas em meados de 2016, incluindo novos jornalistas que mereciam ter sua história registrada, o que acabou levando o projeto para mais de 30 entrevistas, fazendo surgir a ideia de um terceiro livro, o “Mestres da Reportagem III” (já que ficaria impossível comportar todas as entrevistas no “Mestres II”, considerando que cada texto ocupa, em média, dez páginas do livro).

Naquele ano, faleceram os jornalistas Geneton Moraes Neto e Goulart de Andrade. Ficou clara, então, a importância da série. Impossível não ver as entrevistas que Geneton e Goulart concederam ao livro “Mestres da

Reportagem I” como um registro importante da trajetória desses repórteres e das matérias significativas que eles fizeram.

Em janeiro de 2018, depois de mais de dois anos do início de produção das duas novas obras da série, as últimas das 43 entrevistas com grandes nomes da reportagem brasileira foram concluídas. Os seguintes jornalistas foram entrevistados (distribuídos pelos novos volumes):

“Mestres da Reportagem II”: André Caramante, Andrei Netto, Aiana Freitas, Audálio Dantas, Caetano Cury, Clóvis Rossi, Daniela Arbex, Fernando Rodrigues, Francisco José, Gilberto Nascimento, Heródoto Barbeiro, José Patrício, Laura Capriglione, Leonencio Nossa, Luiza Villamea, Mario Magalhães, Maristela Crispim, Mauro Naves, Paulina Chamorro, Renata Alves, Rubens Valente e Vinicius Sassine.

“Mestres da Reportagem III”: Abel Neto, Ângela Bastos, Bruno Paes Manso, Bruno Torturra, Cristiane Segatto, Denise Fon, Dimmi Amora, Fausto Salvadori Filho, Fernando Fernandes, Katia Brasil, Leonardo Sakamoto, Leticia Duarte, Lourival Sant’Anna, Michelle Trombelli, Nathan Fernandes, Ricardo Brandt, Sérgio Dávila, Tai Nalon, Vandeck Santiago, Vladimir Netto e Zuenir Ventura.

O lançamento dos novos volumes aconteceu em 7 de abril de 2018 (Dia do Jornalista) no Centro Cultural São Paulo, novamente depois um caloroso debate sobre a importância social da reportagem, envolvendo o público, os alunos coautores e alguns dos jornalistas entrevistados. Participaram do bate-papo os repórteres Fausto Salvadori (*Ponte Jornalismo*), Dimmi Amora (*Agência iNFRA*), Nathan Fernandes (*Revista Galileu*), Kátia Brasil (*Amazônia Real*) e a repórter Denise Fon, que tem mais de 50 anos de carreira, com passagens por diferentes veículos.

O evento despertou a paixão de estudantes que não tinham participado do projeto, e logo surgiram pedidos para a produção de novos volumes.

Mais volumes

A série, então, prossegue. Em janeiro de 2019, uma nova lista envolvendo mais de 60 repórteres a serem entrevistados foi montada. Mais de 100 alunos de Jornalismo de diferentes instituições de ensino, incluindo faculdades de outras regiões do país, estão na nova equipe de coautores, assim como jornalistas recém-formados que participaram dos antigos volumes e se mantêm vinculados ao projeto. A ideia é que os novos exemplares possam ser lançados até 2021, com um novo debate a ser feito entre coautores, entrevistados e o público.

Hoje fica difícil enxergar um fim para o projeto. É cada vez maior o número de repórteres talentosos que surgem nas redações da mídia tradicional e em projetos jornalísticos independentes, que merecem ter os bastidores de seu trabalho registrado. Também não faltam estudantes de Jornalismo ávidos em aprender com repórteres experientes, por intermédio da entrevista. Afora o aprendizado, participar da série tem representado uma impulsão do portfólio dos alunos envolvidos. Muitos estudantes coautores afirmam que melhoraram suas chances em entrevistas de estágio por participarem do livro.

É sadio, portanto, que os volumes permaneçam sendo produzidos e publicados, tanto para o bem da sociedade, que poderá continuar a descobrir pontos-chave e situações interessantes que estão por trás de reportagens marcantes, como para o bem de alunos e todos que admiram a área jornalística.

Considerações finais

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p223>

Conforme exposto anteriormente, um projeto que começou vinculado a uma instituição de ensino, hoje está aberto a qualquer estudante de Jornalismo do país. Sua natureza livre permite que ele seja composto por alunos de diferentes classes sociais e de perspectivas plurais sobre o Brasil, facilitando igualmente que sejam incluídos entre os entrevistados jornalistas de várias regiões, com perfis díspares. Portanto, a série “Mestres da Reportagem” acaba por revelar diferentes fazeres jornalísticos, considerando as peculiaridades da profissão em um país enorme e múltiplo em realidades. Como negar as enormes diferenças tanto em termos salariais, como em termos de estrutura e segurança oferecidas ao jornalista em cada uma das regiões brasileiras?

Trata-se de um projeto de média duração, que envolve enorme energia tanto da organizadora, como dos coautores. É um trabalho que coloca estudantes no papel de repórteres para entrevistar outros repórteres. A responsabilidade é enorme, pois eles estão lidando com um entrevistado que domina a arte de reportar e que pode, em poucos segundos, reconhecer a fragilidade de uma pauta com questões mal preparadas.

A série “Mestres da Reportagem” é jornalismo puro, e pode ser resumida neste trecho do histórico discurso do mestre Gabriel García Márquez⁴ sobre a profissão de jornalista: “Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, como se fora para sempre, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte.” Embora envolva uma produção exaustiva, a série representa um trabalho coletivo extremamente apaixonante. Mal terminamos um volume e outros começam a ser cogitados.

⁴ Feito em 1996 na 52ª Assembleia Geral da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP).

Enquanto houver repórteres com boas histórias a serem eternizadas, o projeto deve persistir.

Referências

DANTAS, A. **Tempo de reportagem**: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5.ed. São Paulo: Ática, 2002.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual de redação da Folha de S. Paulo**. 21 ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

FORTES, L. **Os segredos das redações**. O que os jornalistas só descobrem no dia-a-dia. São Paulo: Contexto, 2008.

HERSEY, J. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MEDINA, C. **Entrevista**: o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

PAIXÃO, P. (org.). **Mestres da reportagem**. Jundiaí-SP: Editora In House, 2012.